

O JORNAL GAZETA DO PIAUÍ E SUA COBERTURA DA PARTICIPAÇÃO FEMININA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL*

The newspaper Gazeta of Piauí and its coverage of women's participation in the Second World War

Italo de Andrade Lopes**

<https://orcid.org/0000-0002-0781-6120>
italohistoriaufpi@gmail.com

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo abordar a participação feminina na Segunda Guerra Mundial por meio do jornal *Gazeta do Piauí*, no período de 1939-1945. O presente estudo tem como propósito fomentar a produção da historiografia militar brasileira e internacional, ampliando o debate crítico acerca da participação feminina em conflitos bélicos. Busca-se, assim, analisar a inserção das mulheres como agentes efetivas da guerra, considerando tanto sua atuação nos fronts externos quanto seu engajamento em dinâmicas internas dos contextos de combate. Para a realização da pesquisa, torna-se necessária uma discussão teórica e metodológica com autores como Perrot (2005), Burke (2011), Halbwachs (2006), Aleksievitch (2016), entre outros de leituras complementares.

PALAVRAS-CHAVE: Segunda Guerra; Historiografia militar; Participação feminina; Gazeta do Piauí.

RESUMEN:

El objetivo de este artículo es abordar la participación de las mujeres en la Segunda Guerra Mundial a través del periódico *Gazeta do Piauí*, durante el período de 1939 a 1945. El presente estudio tiene como propósito fomentar la producción de historiografía militar brasileña e internacional, ampliando el debate crítico sobre la participación de las mujeres en los conflictos armados. Así, se busca analizar la inserción de las mujeres como agentes efectivos de la guerra, considerando tanto sus acciones en los frentes externos como su participación en la dinámica interna de los contextos de combate. Para la realización de la investigación, es necesaria una discusión teórica y metodológica, recurriendo a autores como Perrot (2005), Burke (2011), Halbwachs (2006), Alexievich (2016), entre otros, para lecturas complementarias.

* Nota de los editores: este artículo es presentado en su idioma original, para mantener la fidelidad con las ideas de los autores.

** Mestre em História do Brasil (PPGHB-UFPI), especialista em Historiografia Brasileira e História Social Contemporânea. Membro do Grupo de Trabalho em História Militar da ANPUH/PI.

PALABRAS CLAVE: Segunda Guerra; Historiografía militar; Participación femenina; Gazeta de Piauí.

ABSTRACT:

The objective of this article is to examine women's participation in World War II through the lens of the newspaper *Gazeta do Piauí*, during the period from 1939 to 1945. This study aims to foster the production of Brazilian and international military historiography, broadening the critical debate on women's presence in armed conflicts. Thus, it seeks to analyze women's involvement as effective agents of war, considering both their actions on the external fronts and their participation in the internal dynamics of combat contexts. The research requires a theoretical and methodological discussion, drawing on authors such as Perrot (2005), Burke (2011), Halbwachs (2006), and Alexievich (2016), among others, for supplementary reading.

KEYWORDS: Second World War; Military historiography; Female participation; *Gazeta of Piauí*.

INTRODUÇÃO

A Segunda Guerra Mundial permanece como um divisor histórico que reorganizou não apenas fronteiras políticas e sistemas econômicos, mas também modos de viver, de lembrar e de atuar socialmente. Suas reverberações penetraram o cotidiano de homens e mulheres, alterando profundamente a estrutura das relações de gênero e tensionando tradições sociais que, até então, pareciam inabaláveis. A mulher, antes confinada ao espaço doméstico ou invisibilizada nas engrenagens públicas, emergiu como personagem central, deslocando-se da vida privada para a linha de frente da produção fabril, dos serviços hospitalares, da aviação militar, da resistência armada e da sobrevivência cotidiana nos territórios devastados pelo conflito. Contudo, essa presença, embora ampla e multifacetada, foi obscurecida pelas narrativas historiográficas tradicionais, que privilegiaram o olhar masculino e relegaram as mulheres ao papel de coadjuvantes. Como afirma Perrot (2005), a historiografia clássica deu prioridade à “cena pública, a política, a guerra, onde elas aparecem pouco”, silenciando trajetórias que desafiam essa lógica.

Nesse sentido, o presente artigo insere-se na esteira de uma revisão historiográfica que busca recolocar as mulheres na narrativa da Segunda Guerra Mundial, não como apêndices da história, mas como agentes que, em seus múltiplos papéis, contribuíram decisivamente para o andamento e os desdobramentos do conflito. O objetivo central desta pesquisa é analisar a participação feminina na Segunda Guerra Mundial a partir das representações

divulgadas pelo jornal *Gazeta do Piauí* (*Gazeta – PI*) entre 1939 e 1945, utilizando esse periódico como fonte primária e como lente interpretativa para acessar a mentalidade, as percepções e as sensibilidades que moldavam a compreensão da guerra no Brasil.

A escolha do *Gazeta - PI* como documentação central é estratégica: o periódico funciona como testemunho vivo da circulação de informações em um Brasil que, apesar de distante geograficamente do epicentro dos combates, estava profundamente engajado em debates e mobilizações fomentados pelo conflito mundial.

O jornal, mais que noticiar, interpretava; mais que relatar, narrava; mais que informar, construía visões de mundo. Em suas páginas, encontram-se rastros da memória coletiva descrita por Halbwachs (2006), que afirma que a lembrança não pertence apenas ao indivíduo, mas se ancora nos grupos sociais que selecionam, silenciam e preservam determinados aspectos do passado conforme seus próprios referenciais.

Assim, o jornal não apenas retratava a guerra: ele moldava a forma como a sociedade piauiense compreendia a participação feminina no conflito. As representações revelam uma tensão constante entre tradição e ruptura, entre conservadorismo e mudança, entre a visão da mulher como guardiã do lar e a mulher que manobra máquinas industriais, pilota aviões militares ou enfrenta, como enfermeira, o cheiro do sangue, o estilhaço e a proximidade da morte.

Nas publicações referentes ao contexto internacional, percebe-se a força de discursos que exaltam o protagonismo feminino. O jornal apresentava as operárias britânicas e norte-americanas como responsáveis por manter o ritmo da produção bélica, substituindo os homens enviados para o front. Essas mulheres, que vestiam macacões e manejavam instrumentos pesados, subvertiam a fantasia da fragilidade feminina.

Demonstra-se, assim, que, como afirma Aleksievitch (2016), a guerra obrigou as mulheres a ocupar “lugares que lhes eram até então proibidos”, revelando competências que o imaginário patriarcal tentava ocultar.

Por outro lado, as narrativas sobre a aviação feminina são marcadas pela ambivalência. As integrantes da Women Airforce Service Pilots (WASP) são apresentadas com admiração: jovens que enfrentavam temperaturas glaciais, jornadas exaustivas e operações arriscadas, pilotando caças e bombardeiros. Todavia, o tom de surpresa presente nos textos evidencia o estranhamento cultural diante de mulheres ocupando um espaço historicamente masculino.

Keegan (1995) recorda que a guerra, como atividade humana, sempre foi interpretada sob um ponto de vista masculino, e essa tradição dificulta reconhecer plenamente a participação feminina como algo natural, e não excepcional.

Em relação ao Brasil, o *Gazeta - PI* destaca, com vigor, o papel das enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Os relatos publicados enfatizam não apenas o trabalho técnico dessas profissionais, mas também a sua coragem frente às mazelas da guerra: corpos mutilados, traumas psicológicos, hospitais improvisados, bombardeios iminentes. As descrições conferem às enfermeiras uma dupla identidade: mulheres que cuidam e mulheres que resistem, mulheres que tratam e mulheres que enfrentam, simultaneamente a dor do outro e o medo próprio. Roque e Bernardes (2022) ressaltam que a presença dessas brasileiras nos hospitais de campanha representou “um marco histórico”, revelando sua capacidade de adaptação a um ambiente “heterogêneo e caótico” e rompendo os limites do espaço doméstico.

Além da produção, do combate e do cuidado, o jornal também registra com força narrativa as atrocidades sofridas por mulheres em territórios ocupados pelo nazismo. Em suas páginas, encontram-se relatos sobre ghettos poloneses, fuzilamentos públicos de mulheres acusadas de colaboração, deportações de mães com seus filhos, violações sistemáticas e torturas que ultrapassam os limites do humano. As descrições evocam horrores que, como afirma Thompson (1997), compõem o campo da memória que precisa ser resgatado para que a história não se transforme em uma narrativa mutilada. Rousso (2006) lembra que a memória é sempre uma construção coletiva, e, nesse sentido, o jornal participa de uma operação discursiva que busca denunciar, registrar e preservar o testemunho das vítimas.

Ao analisar a documentação, torna-se evidente que a guerra também teve impactos diretos na vida das mulheres brasileiras, muito além do front europeu. Notas do jornal revelam, por exemplo, a presença de mulheres nas fábricas de borracha em Manaus, recrutadas para suprir a falta de homens mobilizados pelo esforço de guerra. Porém, esse ingresso feminino no setor fabril não se deu sem tensionamentos: o jornal cita regras impostas às operárias, uso obrigatório de macacão, proibição de maquiagem, restrição de visitas masculinas durante o expediente, que refletem a tentativa de disciplinar o corpo feminino, enquadrando-o em moldes de moralidade e obediência. Fiell e Dirix (2014) destacam que, na década de 1940, até mesmo

o vestuário tornou-se expressão política da guerra, e a “praticidade” passou a ser símbolo do sacrifício feminino em prol da nação.

É necessário considerar também as operações simbólicas que estruturam essas representações. Bloch (2001) adverte que o documento não é transparente: é preciso interrogá-lo, compreender sua feitura e seu contexto, pois “a palavra deles não carece de eloquência, mas é preciso saber exatamente sobre o que falam”. Assim, compreender o *Gazeta - PI* como fonte exige perceber que ele não apenas informa: ele seleciona, organiza, hierarquiza e legitima determinados discursos.

Dessa forma, este artigo não busca apenas identificar a presença feminina na guerra, mas compreender como o periódico construiu discursivamente essa presença, evidenciando o movimento complexo entre visibilidade e silenciamento. As mulheres são celebradas como operárias eficientes, aviadoras destemidas e enfermeiras corajosas, mas também são apresentadas como vítimas das atrocidades nazistas, e, em muitos casos, permanecem invisíveis em seus atos cotidianos de resistência, solidariedade e sobrevivência.

Assim, reafirma-se que o objetivo geral deste estudo é analisar a participação feminina na Segunda Guerra Mundial a partir das representações presentes no *Gazeta - PI*, entendendo o jornal como dispositivo de memória, espaço de disputa simbólica e fonte privilegiada para acessar as múltiplas dimensões do feminino no conflito. Como observa Delgado (2006), a história e a memória, quando articuladas, sustentam identidades e revelam temporalidades complexas. Este artigo se dedica, portanto, a recuperar essa memória, retirando da escuridão histórica fragmentos que iluminam a força, a coragem e a resistência das mulheres em um dos períodos mais dramáticos da humanidade.

1. MULHERES NA GUERRA: A MARGEM DA PERSPECTIVA HISTÓRICA

De acordo com a *Gazeta - PI* de 1943, a guerra europeia marcou o início da libertação intelectual das mulheres, assegurando-lhes igualdade de direitos políticos aos homens, em todas as nações civilizadas. Foi-se transformando, aos poucos, o ambiente social do mundo. O egoísmo masculino, que procurava afastar a competição feminina do seu caminho, nos prélios da luta pela vida, foi sofrendo uma série de revezes, até que a balela da inferioridade

mental das mulheres desapareceu na voragem em que se abismam todas as fantasias da ambição humana (Presídio, 29 de julho de 1943).

Compreende-se perante o jornal as perspectivas de igualdade nos direitos aos homens, em caráter político, social e econômico, já que no período ainda se perpetuava, uma predominância masculina nos espaços públicos, no entanto, destaca-se na publicação uma fragmentação do pensamento prevalecente, em que lugar de mulher era o espaço privado. O período da segunda guerra mundial (1939-1945), encabeçou a necessidade da presença feminina como atuante no âmbito social público devido ao grande contingente de homens enviados para a o conflito armado, e como videiras de Jade¹ forraram os muros rachados da comunidade que sofria com a perda do seu material mais importante, o humano, a presença feminina no seio social público, tem seu crescimento exponencial, e como as videiras que possui seu formato de garras investidas, subverteram as tradições estabelecidas a si próprias, deixando de lado a obscuridade da vida privada.

Nesse sentido ocasionou-se a fragmentação do pensamento social conservador, na qual, convencionou com a libertação de amarras pré-estabelecidas sobre papel da mulher na comunidade referentes aos asseios da vida privada que ocultava sua participação como membro atuante nas engrenagens públicas, negando as próprias seu direito humanitário na similitude política. Conforme Perrot (2005, p.33), retirando-as da narrativa histórica tradicional que lhes dá pouco espaço, justamente na medida em que privilegia a cena pública- a política, a guerra- onde elas aparecem pouco.

Segundo Perrot (2005), evidentemente, a irrupção de uma presença de uma fala feminina em locais que lhes eram até então proibidos, ou pouco familiares, é uma inovação que muda o horizonte sonoro, subsistem, no entanto, muitas zonas mudas, no que se refere ao passado, um oceano de silêncio, ligado a partilha desigual dos traços da memória e, ainda mais, da História, este relato que, por muito tempo, “esqueceu” as mulheres, como se, por serem destinadas a obscuridade da reprodução, inenarrável, elas estiveram fora do tempo, ou ao menos fora do acontecimento. O silenciamento das participações femininas em conflitos mundiais e regionais é muito comum na historiografia. Parte de uma produção militar feitas por sujeitos que desejaram por assim esquecer, mas não devemos tratar sua

¹ Conhecida como videira de jade, é uma planta para compor pergolados e forrar muros, espécie exótica natural da Ásia, diferentes das demais plantas exibem garras invertidas podendo alcançar muitos metros de altura.

atuação como *Out of Place Artifact*². Como Perrot destaca, “A dificuldade da história das mulheres deve-se inicialmente ao apagamento de seus traços, tanto públicos quanto privados” (2005, p.29).

O *Gazeta - PI* de 1943 trazia em sua publicação que a guerra com seus prelúdios maléficos e suas mazelas catastróficas, com suas machas em vermelho na carne social, trouxe uma característica em seu conflito territorial e espacial, a inversão no papéis comunitários, preceitos de inferioridade feminina foram sendo substituídos pela coragem e astúcia na realização de tarefas, até então definidas para o padrão masculino (Presídio, 29 de julho de 1943). Esse processo de transformação deve ser analisado para construção de uma narrativa da segunda guerra mundial e suas contribuições para história militar, tais como, a acedência feminina no corpo social público e sua atuação perante a guerra.

De acordo com Soihet, Soares e Gomes Costa (2000), a história das mulheres oscilou entre sistemas muito variados de exclusão, de tolerância e de banalização, esse último tema da maior importância no momento. Colocá-los em evidência responde a um duplo objetivo: o de permanecer crítico com respeito às formulações próprias à história das mulheres; o de questionar, por outro lado, a necessária relação entre campo de estudos e o conjunto da pesquisa histórica. Essa oscilação na corrente historiografia acabou por evidenciar uma abordagem unilateral, caracterizado uma vertente parcial, colocando a margem uma trivialidade no discurso feminino sobre a segunda guerra mundial. Bloch especifica: “Pois há uma preocupação que os habituais detratores da história parecem não ter percebido, a palavra deles não carece nem de eloquência, nem de espiritualidade, em sua maioria, porém, omitiram-se de se informar exatamente sobre aquilo que se falam” (2001, p.46).

De acordo com Burke (2011), a emergência da história das mulheres como campo de estudo envolve, nesta interpretação, uma evolução do feminismo para as mulheres e daí para o gênero; ou seja, da política para a história especializada e daí para a análise. O conflito internacional em que nos debatemos, não obstante os malefícios que provocam as suas enxurradas destruidoras, está proporcionando ao mundo um benefício: a libertação econômica da mulher.

² Uma terminologia para denominar um objeto histórico com o significado “artefato fora do lugar”.

Segundo Halbwachs (2006), a memória de uma sociedade estende-se até onde pode, que dizer, até onde atinge a memória dos grupos dos quais ela é composta. Não é por má vontade, antipatia, resulta ou indiferença que ela esquece uma quantidade tão grande de acontecimentos e de antigas figuras, em todo o caso, uma vez que a memória de uma sociedade se esgota lentamente, sobre as bordas que assinalam seus limites. É, aliás, difícil dizer em que momento uma lembrança coletiva desapareceu, e se decididamente deixou a consciência do grupo, precisamente porque, basta que se conserve numa parte limitada do corpo social, para que possamos encontrá-la sempre ali.

É necessário colocar as mulheres na narrativa dos conflitos militares, um panorama historiográfico que alce a presença feminina como protagonista da sua própria história. Conforme Aleksievitch (2016), já aconteceram milhares de guerras- pequenas e grandes, famosas e desconhecidas, e o que se escreveu sobre elas é ainda mais numeroso, escrita por homens e sobre homens. Tudo que sabemos da guerra conhecemos por uma “voz masculina”, somos todos prisioneiros de representações e sensações “masculinas” da guerra.

De acordo com Keegan (1995), acontecimentos como guerras e disputas política- militar são quase sempre relatados a partir de um ponto de vista indeclinável em um suposto intérprete masculino, já que esses espaços são historicamente ocupados por homens, de forma que às mulheres cabe o papel inerte de vítimas que devem ser guardadas ou ainda a completa invisibilidade. A guerra é uma atividade humana da qual as mulheres, com exceções insignificantes, sempre e em todos os lugares ficaram excluídas.

Retornando a Aleksievitch (2016), as mulheres no combate causam ruptura na estrutura social pela sua própria permanência, existem fora do comodismo comunitário e suas complexidades, e quando a historiografia é escrita após a guerra, as experiências delas são geralmente menosprezadas ou simplesmente desmemoriadas, prejudicando uma produção de História e Memória lançando-se um abismo de esquecimento em uma vertente de vital importância na compreensão feminina na guerra. Mulheres que tiveram profissões militares- enfermeira- instrutora, franco atiradora, atiradora de metralhadora, comandante de canhão antiaéreo, agora são contadoras, auxiliares de laboratório, guias turísticas, professoras de escolas. Os papéis lá e cá não combinam, recordam como se não estivessem falando de si mesmas, mas de outras garotas.

De acordo com Perrot (2017), não se trata somente de reconstituir os discursos e saberes específicos às mulheres, nem mesmo de lhes atribuir poderes não reconhecidos. É preciso compreender como uma cultura feminina constrói-se no interior de um sistema de relações desiguais, como ela mascara as falhas, reativa os conflitos, baliza tempos e espaços, como enfim pensa suas particularidades e suas relações com a sociedade global. Segundo o mesmo autor, as mulheres não são passivas nem submissas, a miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar a sua história. Elas estão presentes aqui e além: são diferentes, porque se afirmam por outras palavras e outros gestos. Na cidade, nas próprias fábricas, ela tem outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência- à hierarquia, a disciplina- que derrotam a racionalidade do poder, enxertadas sobre seu uso próprio do tempo e do espaço. Elas traçam um caminho que é preciso reencontrar. Observamos o *Gazeta - PI* de 1943, sobre a atuação das mulheres em repartições e em diversos setores públicos:

As repartições encheram-se de funcionárias, muitas das quais galgaram os postos mais elevados. A diplomacia enriqueceu-se de preciosos elementos femininos. O ministério público, a imprensa, o magistério superior e os parlamentos tiveram o concurso de brilhantes Evas, que, em inúmeros centros mundiais de inteligência e cultura, competem com os homens, de igual para igual, porfiando em suplantar-los, e ameaçando-lhes o prestígio que se vai perdendo a olhos vistos (Presídio, 29 de julho de 1943, p.1).

Completa o mesmo autor, Joel Presídio, que quando admiramos, nas revistas inglesas, ou nos jornais cinematográficos norte-americanos, flagrantes de mulheres que manobram pesados instrumentos da indústria bélica, em misteres outrora executados exclusivamente por braços masculinos, sentimos que também a descartada incapacidade física das nossas companheiras de alegrias e tristezas, não passava de outra invencionice da vaidade dos homens.

Na Europa e na América, a guerra afastou os homens das fábricas, exigindo a sua presença nos campos de batalha, as indústrias bélicas não ficaram paralisadas, porque, imediatamente, as mulheres vestiram os macacões que os seus pais, esposos, noivos e irmãos deixaram pendurados nas fábricas. E todos sabemos, não se quebrou o ritmo da produção de guerra aliada, mãos femininas preparam o imenso material com que os seus entes queridos vão destruir os inimigos da Pátria (Presídio, 29 de julho de 1943, p.1).

A publicação destaca o afastamento dos homens das fábricas por conta das suas inserções no campo de batalha, diante disso, vemos a participação feminina na produção bélica para ônus de guerra. No Brasil, o *Gazeta -PI*

destaca que em Manaus, viemos encontrar dezenas de patricias nossas, envergando macacões laminando motivadas pelas propagandas prol guerra “mais borracha para a vitória” o diretor do estabelecimento industrial, o coronel Libânio Rocha Vaz, figura simpática que se popularizara em época agitada da política brasileira, explica que:

Estivemos ameaçados de paralisar os serviços da fábrica, por falta de operários, grande parte foi convocada para o serviço do exército. E outra metade abandonou o trabalho seguindo para as florestas, pois os seringais oferecem maiores vantagens, neste momento. Fiz um anúncio discreto, dizendo precisar de operárias, e mandei publicá-lo nos jornais. Imediatamente, foram aparecendo candidatas. Eu lhe declarava as condições: «1º, têm que vestir macacão; 2º, não podem vir para a fábrica com os lábios e as faces pintadas; 3º, não podem, durante o expediente, ser procuradas por namorados ou pessoas parecidas».... Admitimos as primeiras operárias. Atualmente, temos 74 mulheres, trabalhando na fábrica, e por aqui já passaram umas 400, procurando emprego (Presídio, 29 de julho de 1943, p.1).

Deliberamos os seguintes fatores citados logo acima, a primeira em questão está situada no contexto da paralização das fabricas devido o engajamento dos homens no exército, é verdade que, no contexto europeu a contingência de mobilização era evidente, a falta de mão de obra masculina foi uma característica presente no cotidiano do trabalho nas fabricas, devido a necessidade de soldados no front decorrentes da segunda guerra mundial, caracterizando um dos maiores massacres da humanidade. O segundo se relaciona no contexto nacional brasileiro, realmente a mobilização social-militar casou demandas negativas nos trabalhos masculinos nas fabricas, parte decorrente a guerra, e outra referente ao trabalho febril na produção de materiais bélicos, que estava sendo superados, devido as condições miseráveis oferecidas aos “soldados da borracha” durante o expediente. Além das mínimas condições oferecidas para o encargo da função, o ingresso das mulheres nas fabricas estava sujeito a limitações.

É de fundamental relevância o destaque nos pré-requisitos impostos para o ingresso na fábrica, o primeiro a obrigatoriedade de uma vestimenta padronizada e necessária nos empenhos da função, deixando de lado a moda padrão feminina da década de 1940, que já, aderiam saias mais curtas com suas pregas mais finas ou franzidas, e o advento das calças compridas, e por fim, vestidos com sua junção de saia com casaco, ambos substituídos por macacões sem qualquer estética. Segundo Fiell e Dirix (2014), a guerra

ganhou em suas facetas de conquistas até mesmo o espaço vestuário social masculino e feminino. A praticidade, expressa tanto na silhueta quanto na escolha dos tecidos da primeira coleção de tempos de guerra, preparava-se para se tornar o aspecto definitivo da moda durante a primeira metade da década. Isso era também uma questão de bom senso, em muitos países a praticidade, as improvisações e o abandono do luxo pré-guerra tornaram-se parte do discurso nacional, visando à sobrevivência, ao patriotismo e à vitória.

Outro ponto marcante na publicação do jornal, refere-se nas condições para o ingresso fabril, atingindo diretamente a vaidade e a estética feminina, correspondente a proibição de lábios e faces pintadas, ou seja, batom e maquiagem, durante a jornada de trabalho. Assim, abra-se a possibilidade da entrada da mulher no corpo social público, não somente como guardiãs do lar, mas sim, sujeitos ativos no mercado de trabalho, invertendo conjuntos de fatores pré-estabelecidos pelo conservadorismo comunitário.

De acordo com *O Jornal Gazeta de 1943*, o coronel Libâneo ao ser questionado sobre os resultados obtidos pela substituição dos homens pelas mulheres declarou entusiasmado:

...os melhores possíveis, basta dizer que as 74 mulheres estão produzindo muito mais do que os cento e poucos homens aos quais substituíram. São mais dóceis, obedecem com maior espírito de disciplina e, sobretudo, revelam maior amor ao trabalho... as mulheres não perdem tempo, contando anedotas, nem interrompem os serviços da fábrica para falar da vida alheia. Pelo menos, até agora, vão muito bem, lavam, laminam a borracha, enfardam e realizam outros trabalhos que requerem perícia e regular esforço físico (Presídio, 29 de julho de 1943, pp.1, 4).

Completa o coronel Libâneo:

À proporção que forem aumentando as atividades da fábrica, iremos admitindo outras mulheres. E os homens que tomem cuidado, o problema da economia interna da fábrica não influiu na providência, os salários são iguais para homens e mulheres, na mesma categoria de serviço. Iguais e elevados entre 10 e 20 cruzeiros diários, o que, para o Amazonas, representa algo compensador (Presídio, 29 de julho de 1943, p. 4).

As caracterizações do comportamento feminino são pontuadas, seu perfil dócil no tratamento da borracha revelando o cuidado com o material, a domesticação do corpo com a disciplina rotineira da fábrica, e a ocupação dos espaços que antes eram ocupados apenas por figuras masculinas.

A guerra, com as suas terríveis desgraças, há de nos deixar algum bem, os bens da vida, às vezes, surgem do mal, como as pedras preciosas que vamos buscar no subsolo coberto de lamaçais infetos. Os males da conflagração que sufoca a humanidade em torrentes do próprio sangue, são quase todos conhecidos nossos, os benefícios, porém estão ainda envoltos nas brumas da grande catástrofe, mas ninguém, tenha dúvida, virão a seu tempo, como as manhas de sol radioso que ilumina, após o sudário de uma noite amortalhada pelas trevas. É são dessas mazelas que as mulheres ocuparam seu espaço social publico por direito. Destaca *O Jornal Gazeta de 1943*:

A libertação econômica da mulher há de ser um bem da atual guerra, como a sua libertação intelectual e política, para os homens, só deve constituir mais um motivo de orgulho, senão de encanto, sabermos que as mãos mimosas que tecem amor, são capazes de construir a sua própria independência econômica (Presídio, 29 de julho de 1943, p. 4).

Conforme Halbwachs (2006, p. 85), apesar da variedade dos lugares e dos tempos, a história reduz os acontecimentos e termos aparentemente comparáveis, o que lhe permiti ligá-los uns aos outros, como variações sobre um ou alguns temas. Somente assim, ela consegue nos dar uma visão em ponto pequeno do passado, apanhando num instante, simbolizando em algumas mudanças bruscas, em alguns avanços dos povos e dos indivíduos, lentas evoluções coletivas. É desse modo que ela nos apresenta uma imagem única e total.

Seguindo o raciocínio da simbolização, no decorrer da segunda guerra mundial, dava-se início a campanha *Rosie the Riveter*, em sua tradução, «Rosie, a Rebitadeira», com sua fraseologia *We Can Do It!* (¡Nos podemos fazer isso!), com a intencionalidade de engajar mulheres no trabalho operário. Campanha que se tornou insígnia de coragem e poder feminino, inspirada na operaria Naomi Parker Fraley³, tiveram ascendência em trabalhadoras da indústria que produzia materiais para aviões, como chapas e rebites, para bombardeiros B-29 e B-24, mesmos modelos atuantes no traslado e locomoção das bombas atômicas nas capitais de Hiroshima e Nagasaki.

³ Foi uma trabalhadora de guerra e garçonne americana, é considerado o provável modelo para o icônico “We Can Do It”, o poster é erroneamente referido ao Rosie the Riveter, sendo associado ao ícone cultural, trabalhava na Estação Aérea Naval, onde foram designadas para a oficina mecânica para tarefas de montagem de aeronaves.

2. O PODER FEMININO: NAS PÁGINAS DO JORNAL GAZETA- PI

O *Gazeta – PI* citou madame Chiang-Kai-Chek, que destacou que a força feminina está impregnada nos maquinários das fabricas, sua determinação e coragem contrabalançaram as perdas humanitárias e o grande influxo de homens no campo de batalha. Ele também salientou que as mulheres da Grã-Bretanha compartilharam igualmente os mais pesados e mais custosos trabalhos de seus homens, este país, com uma população comparativamente menor, teria ficado numa posição perigosa, se, prontamente e sem hesitação, as mulheres não tivessem preenchido as fabricas de forma eficiente e providencial (“Você Sabia?”, 19 de junho de 1943).

Quando os homens da América partiram para lutar com os Aliados na segunda guerra mundial, as mulheres eram recrutadas através de cartazes e outras propagandas para trabalhar em locais não tradicionais, empregos em plantas e fábricas de defesa. Muitas as mulheres sempre tiveram empregos fora da casa, mas esta foi a primeira vez que eles estavam sendo bem pagos e ensinados com habilidade trabalho. Muitas outras mulheres não tinham realizado um trabalho remunerado fora de casa e isso foi uma experiência nova para ganhar dinheiro perante trabalho duro. Essas “Rosie, a Rebitadeira” provaram suas habilidades para América e eles próprios e não olharam para trás desde então (Eisenhower Foundation, s/d, p. 2). Elucida de Sandoval em *Gazeta - PI*:

Os homens, operários especializados na sua maior parte, arrastados para o exército por esta última chamada, tem sido substituído por mulheres, cujo número se eleva atualmente a 40% da quantidade total de trabalhadores, por dois milhões e meio de homens arrastados em vergonhosas e inumanas rusgas em todos os países ocupados, e outros dois milhões de prisioneiros de guerra, submetidos, tanto uns como outros, a um trabalho esgotador de escravos mal alimentados (de Sandoval, 1942, p. 3).

Em uma outra publicação, as mulheres, mesmo como figura histórica importante no estado bélico, não fugiam das desgraças maléficas produzidas pelos ecos da guerra, em contrapartida a sua libertação econômica e patriarcal, as fissuras inflamatórias do conflito lhe eram presentes no seu dia a dia, sendo assim, as consequências não lhe eram intangíveis. Como numerosas mulheres belgas que foram detidas nas prisões alemães, sem que tenham sido levadas a tribunal algum, fosse militar ou civil, na zona industrial de *Liège*, foram presas, acusadas de prática de sabotagem, as mesmas mulheres que trabalham nas fabricas, cooperam na coleta de donativos em

dinheiro para as famílias dos prisioneiros (“Noticias da Bélgica”, 25 de dezembro de 1942).

Outro ponto a ser destacado são os acidentes sofridos nas fabricas constantemente devido à falta de experiencia, falta de preparo com o material bélico, ou até mesmo, pelas condições oferecidas pelo ambiente de trabalho. Como noticia o *Gazeta – PI*, que em consequência de uma explosão numa fábrica de material bélico, a noroeste da Grã-Bretanha uma operária ficou mortalmente ferida, um homem e duas mulheres foram conduzidos ao Hospital e outros dois operários receberam ferimentos leves (“A guerra em todas as frentes”, 25 de dezembro de 1942).

Certamente, as mulheres ganham mais participação no corpo social como figuras ativas na segunda guerra mundial, um destaque, está situado na participação feminina na aviação, no início se houve uma preocupação, em relação a desconfiança, dúvidas sobre sua real contribuição no conflito. Em meados de 1930, o departamento de guerra considerou a utilização de mulheres pilotos, mas o chefe da *Aeronáutica Corps* chamou a ideia de “totalmente inviável”, afirmando que as mulheres eram muito “tensas”. A famosa aviadora Jacqueline Cochran em 1939, escreveu a *Eleanor Roosevelt* (esposa do então presidente Franklin Roosevelt), para sugerir que as mulheres pilotos poderiam ser usadas em uma emergência nacional. A aviadora Nancy Harkness Love, em 1940, fez uma proposta semelhante ao *Air Corp’s Ferry Command*, nada foi feito até depois da entrada americana na Segunda Guerra Mundial. Enfrentando a necessidade para de uma demanda maior de pilotos do sexo masculino para combate. A situação muda em meados de 1943, favorecendo o uso de mulheres pilotos experientes para voar em Aeronaves das Forças Aéreas do Exército nos Estados Unidos. Foram assim constituídas duas unidades de aviadores femininos, formadas para facilitar esta necessidade, mais de 1000 mulheres participaram desde programa como civis vinculados à AAF, as mesmas foram fundidas em um único grupo, *The Women Airforce Service Pilots* (WASP), em agosto de 1943, e assim, abrindo caminho para pilotos mulheres da USAF que seguiria seus passos (National Museum of the United States Air Force, s/d). É evidenciado no *Gazeta - PI*:

Os Estados Unidos custaram a acreditar que as mulheres pudessem dar bons pilotos, elas foram crescendo em número e registrando impressionantes recordes de realizações, graças à sua obstinação legitimamente feminina. Quando os pilotos masculinos partem para cumprimento de suas missões no ultramar, essas jovens, que fazem parte da Women’s Auxiliary Ferrying Squadron [WAFS], tomam os seus lugares, entregando aviões de caça e de

ligação das fábricas para os campos de treinamento e bases de embarque através de todos os Estados Unidos (“As mulheres na aviação norte-americana”, 11 de abril de 1943, p. 4).

The WASP, nunca com mais de 28, foi criado em setembro de 1942, no comando de Transporte Aéreo, sob a liderança de Nancy Harkness Love⁴, e foi precedida pela WAFS, que recrutava mulheres pilotos licenciados comercialmente com pelo menos 500 horas de voo e uma classificação de 200 HP, com uma média de aproximadamente 1.100 horas de experiência de voo. Sua missão original era transportar treinadores da Força Aérea do Exército e aviões leves das fábricas, mas depois foram entregando caças, bombardeiros e transportes também (National Museum of the United States Air Force, s/d, p. 2). Conforme o *Gazeta - PI*:

Vivem em barracões de madeira, dormem em camas de vento, voam dia e noite, a uma temperatura glacial, desempenham as suas arriscadas tarefas com a perícia proveniente de centenas de horas de voo, essas mulheres são a elite dos serviços auxiliares norte-americanos (“As mulheres na aviação norte-americana”, 11 de abril de 1943, p. 4).

O programa de formação para as mulheres pilotos com Jacqueline Cochran, foi aprovado em 15 de setembro de 1942, com o *Women's Flying Training Detachment* (WFTD), Destacamento Feminino de Treinamento de Voo, o programa de treinamento de 23 semanas, iniciado em Houston, Texas. Os estagiários tinham entre 21 anos (mais tarde caíram para 18 anos) e 35 anos, e já tinha pelo menos 200 horas de experiência de piloto (posteriormente reduzido para 35 horas), ensinou a pilotar aeronaves militares à maneira da Força Aérea do Exército, seu treinamento enfatizou o voo cross country com menos ênfase em acrobacias e sem artilharia ou treinamento de voo em formação fechada (National Museum of the United States Air Force, s/d, p.

⁴ Nancy Harkness Love, tinha 28 anos quando se tornou líder do WAFS, ela aprendeu a voar cerca de 12 anos antes, em sua cidade natal, Houghton, Michigan, teve aulas de voo e recebeu uma licença particular de piloto aos 16 anos, enquanto era estudante na Milton Academia em Massachusetts. Na época foi pioneira no desenvolvimento de clubes de aviação estudantis em faculdades americanas, Love, recebeu sua licença de piloto comercial em 1933, e em 1935, foi contratada pela Bureau of Air, como parte de um grupo de três mulheres que voaram para marcar as principais cidades do Estados Unidos. Enquanto trabalhava na equipe de operações da Baltimore, antes da organização do WAFS, Love tinha se tornado profundamente experiente no mapeamento de balsas, durante voos e se familiarizou com as rotas de operações militares, registrou mais de 1.200 horas de voo (National Museum of the United States Air Force, s/d, p. 5).

3). Correlaciona o *Gazeta - PI*:

A opinião geral na América do Norte é diferente, três grandes aviadores ocupam posições de relevo: Phoebe Omilie, que dirigia a instrução de voo na escola de Nashville; Jaqueline Cocharane, chef da preparação de pilotos de entrega em Houston; e Nancy Harkenness Love, que comanda a esquadrilha feminina de New Castle. Assim se vai mobilizando um vasto exército aéreo feminino dos Estados Unidos, e assim um prazer dos tempos de paz se transforma numa contribuição ao esforço de guerra (“As mulheres na aviação norte-americana”, 11 de abril de 1943, p. 4).

Destaca-se também a participação feminina no conflito bélico está através do cuidado humano durante a guerra, entre desastres e calamidades, rios de sangue e feridas inflamadas, cacos de esperança e rastros de morte, as mulheres ganha papel fundamental no zelo com feridos fisicamente e mentalmente. O serviço de Saúde da FEB, comandando pelo coronel médico Emmanuel Marques Porto, reuniu cerca de 1.369 componentes, dentre médicos, dentistas, enfermeiros, farmacêuticos e padioleiros, a ideia inicial era o envio de tropa exclusivamente masculina, entretanto as enfermeiras norte-americanas, muito cansadas e já há três anos em guerra, “exigiram” o engajamento de mulheres enfermeiras na FEB para atender à tropa brasileira, desta forma, foi feita a inserção feminina no campo militar nacional, e as brasileiras, até então basicamente circunscritas ao meio familiar, protegido e limitado, se prepararam para enfrentar um mundo heterogêneo e caótico, convivendo com militares e mulheres estrangeiras (Roque e Bernardes, 2022, pp. 39-40). Destacado no *Gazeta* de 1943:

Ao chegarem, os feridos são imediatamente separados por categoria e estão preparados e banhados, suas feridas, durante esse processo, são protegidas com penso especial de borracha, banhar os soldados que estão sujos e esgotados, representa um fator psicológico estupendo, de vez que vão suportar maiores operações indispensáveis (“A melhor organização hospitalar do mundo”, 3 de dezembro de 1943, p. 1).

A recepção e os cuidados iniciais dos feridos eram de suma importância na recuperação dos soldados, vindos do front de batalha, castigados com as mazelas da guerra, as desgraças oferecidas pelo conflito convulsionavam hospitais de campanhas lotados e traumas que nem mesmo os melhores medicamentos e a suma tecnologia empregada poderia sarar, fios de sutura que custuravam os corpos não eram capazes de apagar da memória as marcas do conflito. De acordo com o *Gazeta - PI*:

Os feridos são recolhidos “na terra de ninguém” por um corpo de

enfermeiros do qual 80% são mulheres, esse corpo sofre baixas muito elevadas. As mulheres que receberam antes a aprendizagem de um ano, é concedido o galão de côr por cada cem soldados (“A melhor organização hospitalar do mundo”, 3 de dezembro de 1943, p. 1).

As enfermeiras brasileiras atuaram nos hospitais militares dirigidos pelos profissionais de saúde norte-americanos, na retaguarda do front, a proximidade com a linha de fogo se transformava de acordo com o tipo de hospital (estacionamento, campanha, evacuação), isso não as livrou dos riscos da guerra, já que as áreas hospitalares também foram atingidas por bombardeiros, incêndios, alagamentos e explosões de minas, com algumas sofrendo graves ferimentos em serviço, desse grupamento de 67 enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira (FEB), 13.46% adoeceram ou se feriram com gravidade e foram evacuadas, de volta ao Brasil ou para tratamento mais sofisticado nos Estados Unidos da América (Roque e Bernardes, 2022, p.43). Correlaciona o *Gazeta - PI*:

A organização hospitalar existente em Moscou, é a melhor do mundo e possuem material de primeira classe, inclusive muito material fornecido pela Inglaterra e Estados Unidos, por exemplo, um hospital de campanha tinha seis instalações de Raio X, dois deles americanos, dois britânicos (“A melhor organização hospitalar do mundo”, 3 de dezembro de 1943, p. 1).

A proporção de enfermeiras profissionais, chamadas diplomatas, no efetivo da FEB durante a guerra, no entanto, seria de apenas 6% (4 enfermeiras, sendo 3 da Escola Anna Nery e 1 da Escola Alfredo Pinto). A maioria das enfermeiras formou-se em cursos mais curtos, muitas já especificamente para o voluntariado militar: 30% (20) samaritanas (duração de 1 ano) e 51% (34) voluntárias socorristas (duração de 3 meses), ambos cursos da Cruz Vermelha Brasileira, além de mais algumas poucas enfermeiras práticas e de uma parteira (Bernardes, 2003).

Essas enfermeiras eram oriundas de diferentes estados brasileiros e das mais diversas camadas sociais, desde filhas de grandes empresários, militares, políticos, juízes e médicos, até moças simples do interior do Brasil (Roque e Bernardes, 2022, p. 42). Destacando assim o processo de voluntariado e engajamento das mulheres na Segunda Guerra mundial, sinalizando sua coragem e determinação frente ao conflito, colocando em evidenciar a bravura do poder feminino brasileiro na FEB, a perseverança no auxílio aos feridos do front de guerra e a marca das mulheres na atuação da enfermagem na guerra bélica.

Ficou claro que, de uma hora pra outra, no imperativo da guerra, as moças brasileiras foram selecionadas e rapidamente preparadas para atuarem no maior conflito armado já visto, embarcando para um país distante, desconhecido para quase a totalidade delas, sendo obrigadas a absorver, além de outras culturas, novas tecnologias para desenvolver o trabalho profissional de enfermagem, atuando com equipes norte-americanas altamente preparadas e organizadas para esse tipo de enfrentamento, tudo isso em tempo recorde (Roque e Bernardes, 2022, p. 45).

A perda da memória e a normatização dos fatos ocorridos deixa de lado fragmentos de suma relevância a construção da história da guerra e personagens femininos que contribuíram na representação da mulher no campo de batalha. O *Gazeta - PI*, traz uma dessas mulheres omitidas na historiografia, caso da guerrilheira soviética T. Balavenskaya que obteve a Ordem da estrela Vermelha durante operações realizadas na região de Moscou, por sua ação exemplar na guerra contra os nazistas, conhecida por ostenta calma na resolução combatendo hordas hitleristas (British News Service, 8 de janeiro de 1943, p. 4). Como Thompson indica, “O que motivou esses estudos foram as novas metodologias fundamentadas no esforço de recuperar a experiência e os pontos de vista daqueles que normalmente parecem invisíveis na documentação convencional e de considerar seriamente essas fontes como evidência” (1997, p.75).

O uso dos jornais e a relação de memória, flui normativamente, destaca-se ambos no corpo da pesquisa, possui uma finalidade coexistente de resgatar ecos historiográficos esquecidos por mazelas da escrita dominante. Prova disso, é destacado no *Gazeta - PI*:

Segundo a imprensa americana, que captou uma irradiação londrina, no campo de concentração de Oranienburg na Alemanha, a Gestapo fuzilou Czeslaw Polkowski, presidente da Associação da Juventude Acadêmica Polonesa “Juventus Christiana”. A vítima era muito conhecida e conceituada no estrangeiro, onde tinha representado, muitas vezes, a mocidade polonesa em várias convenções internacionais da juventude acadêmica. Continua a carnificina dos judeus poloneses (“Fuzilado o leader da Juventude Polonesa”, 23 de outubro de 1942, p. 5).

Nesse sentido, torna-se necessário a utilização de fontes primárias na imprescindível empreitada desta pesquisa, lançando assim, olhares que retire da obscuridade figuras femininas que tiveram papéis importantes no conflito, retirando assim, a essência social de sujeição, tomando espaços e ocupando

cargos, inclusive no exército. Sobre o papel da Imprensa, o *Gazeta - PI* deixa claro sua posição e reitera sua importância no cenário de guerra, citando o tenente coronel Nilo Guerreiro:

«Cabe principalmente à imprensa a preparação psicológica do povo para esta guerra, que nos foi imposta, covarde e traiçoeiramente, pelos bárbaros, torpes e mesquinhos inimigos que ainda hoje, na insensatez de sua maldade, se vangloriam do assassinato frio e premeditado, cruel e estúpido, de mulheres e crianças indefesas» (Castelo Branco, 19 de fevereiro de 1943, p. 2).

Retratando assim, o *Gazeta - PI* complementa:

Na Inglaterra, somente nos últimos meses, forma mortos, em consequência dos raids aéreos inimigos, 293 civis, entre os quais, 136 mulheres e 41 crianças, e durante o mesmo mês, 439 pessoas foram feridas e recolhidas a um hospital (“Você Sabia?”, 29 de julho de 1943, p. 3).

Segundo Halbwachs (2006, p. 84), o que justifica aos olhos do historiador estas pesquisas de detalhe, é que o detalhe somando ao detalhe resultará num conjunto, esse conjunto se somará a outros conjuntos, e que, no quadro total que resultará de todas essas sucessivas somas, nada está subordinado a nada, qualquer fato é tão interessante quanto o outro, e merece ser enfatizado e transcrito na mesma medida. São nesses detalhes para formação do conjunto da pesquisa que contribui o *Gazeta - PI* em 1942:

Os portos estabelecidos pelos invasores alemães estão sendo sistematicamente esvaziados de todos os judeus exceto alguns operários, altamente especializados, cujo trabalho se torna absolutamente necessário à indústria bélica alemã. De todos os que são transportados para longe, ninguém mais consegue a menor notícia. Os enfermos são abandonados à própria sorte, morrendo sobre os horrores da fome ou massacrados impiedosamente, no decorrer das conhecidas execuções em massa. Até agora, o número de vítimas dessa calamidade bestial, já se eleva a muitas centenas de milhares de homens, mulheres e crianças, inteiramente inocentes (“Os crimes nazistas contra os judeus provocam a atenção das Nações Unidas”, 19 de dezembro de 1942, p. 1).

Conforme Rousso (2006), a memória, para prolongar essa definição lapidar, é uma reconstrução psíquica intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social nacional. Portanto, toda memória é, por definição, coletiva (Rousso, 2006, p. 94). É compreendida essa representação no *Gazeta - PI*, no artigo

“Dois ghettos de judeus em uma cidade”, que relata a situação da monstruosidade sofrida pelas mulheres, relatos de memórias que nos translucida o cotidiano social.

As autoridades alemãs organizaram dois ghettos em Lublin, um para os judeus empregados em oficinas que fornecem os alemães, o outro é para judeus que não estão trabalhando para os nazistas e que não o pode fazer fisicamente por se tratar na maioria de mulheres, crianças e inválidos. À noite, este último ghetto foi cercado por tropas, acenderam toda a iluminação das ruas e a polícia alemã começou a juntar os judeus e a levá-los para o mercado no centro do ghetto, aqueles que estavam doentes ou eram aleijados e não podiam caminhar até o mercado, foram fuzilados ali mesmo (“Dois ghettos de judeus em uma cidade”, 30 de outubro de 1942, p. 4).

Finaliza a publicação do jornal, que mais de cem órfãos judios do orfanato, assim como internados do asilo dos velhos, pacientes e enfermarias de dois hospitais, foram levados para lugar desconhecido fora da cidade, entidades oficiais nazistas admitem que nessa busca “perderam” a vida mais de duas mil e quinhentas pessoas. O resto dos habitantes desse ghetto, cerca de vinte e seis mil, foram metidos em vagões da estrada de ferro, estes vagões, insurportavelmente à cunha, foram selados e as pobres vítimas do terror alemão foram transportadas para dois campos, desconhece-se o que depois lhes sucedeu ou qual foi o fim que tiveram⁵. Por enquanto continua a vida “normal” no ghetto para os judeus que trabalham, sucede apenas que os que adocem e pioram, são arrancados dos hospitais e fuzilados (“Dois ghettos de judeus em uma cidade”, 30 de outubro de 1942, p. 4).

De acordo com Delgado (2006), considerando-se a evocação do passado como substrato da memória, pode-se deduzir que, em sua relação com a história, a memória constitui-se como forma de retenção do tempo, salvando-o do esquecimento e da perda. Portanto, História e memória, através de uma inter-relação dinâmica, são suportes de identidades individuais e coletivas, que se formam no processo diacrônico e sincrônico da vida em sociedade. De

⁵ Os alemães consideravam o estabelecimento dos ghettos como uma medida provisória de controle e segregação dos judeus enquanto a liderança nazista em Berlim discutia as opções de como concretizar a remoção daquela população. Em muitos lugares o isolamento dos ghettos durou relativamente pouco tempo: alguns existiram por poucos dias, outros alguns meses ou anos. Com a implementação da “Solução Final”, ou seja, o plano de extermínio de todos os judeus na Europa, iniciando de 1941, os alemães foram sistematicamente destruindo os ghettos, junto a grandes valas onde caíam os corpos, ou os deportavam, normalmente em trens, para os campos de extermínio onde seriam assassinados (United States Holocaust Memorial Museum, <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/ghettos>).

fato, não se pode perder lapsos de temporariedades que constituem um contexto político-social, vejamos também as tentativas da Grã-Bretanha que colocou em prática, em pequena escala, seus planos de reconstrução dos países escravizados pela Alemanha. Um grande número de refugiados poloneses, na sua maioria mulheres, foi transportado para a África Oriental Britânica, onde se estabeleceu em diversas colônias (British News Service, 9 de fevereiro de 1943, p. 2).

Anteriormente, o *Gazeta – PI*, publica uma reprodução de jornais poloneses, de denúncias sobre o extremismo e abusos contra mulheres, em Poznan, em 13 de junho do ano corrente, foram enfocadas quinze pessoas, das quais 12 eram mulheres, o enforcamento foi feito em público e os cadáveres estiveram expostos durante 2 dias, para servirem de “aviso” ao povo polonês, todos estes mártires foram acusados de fazerem circular a imprensa clandestina (“O sacrifício das mulheres polonesas”, 23 de outubro de 1942, p. 4). A utilização desses editoriais é de fundamental importância para compreender as barbáries sofridas em tempos de guerra. Completa o *Gazeta – PI*, de acordo com o Serviço Polonês de Informações:

Na pequena comunidade de Orlowo, foram fuziladas quatorze pessoas, homens e mulheres, em Melochwa, quatro mulheres foram fuziladas e cinquenta levadas das proximidades de Krasnystw para um campo de concentração. No dia 28 de maio, levaram de uma prisão de Varsóvia para a vila de Modum e lá foram fuziladas, entre esses quarenta prisioneiros havia 22 mulheres. Em 30 de maio, foram transferidas 243 mulheres de uma prisão de Varsóvia para um campo de concentração na Alemanha, o que é estranho, nestes tristes fatos, é que cada vez mais mulheres polonesas estão sendo vítimas dos carrascos nazistas (“O sacrifício das mulheres polonesas”, 23 de outubro de 1942, p. 4).

A Polónia perdeu quarenta mil cidadãos que foram torturados e assassinados, assim procederam estes bárbaros, até que chegou o último intento nazista, o ódio e a raiva causada pelo fracasso da quinta recusa e tentativa para vergar o espírito polonês, causou tal furor aos nazis que a vingança, posta em prática, foi além do imaginável, em uma terrível série de assassinatos, torturas, destruições, incêndios e crimes.

Uma história acusadora, detalhada e sinistra das crueldades dos alemães na Polónia, documentada com papeis oficiais, fotografias, mapas e declarações de testemunhas oculares, constitui a evidência de certos acontecimentos, de que não há memória na história da humanidade, no texto publicado com o

título *Livro Negro da Polônia* (Poland. Ministerstwo Informacji, 1942)⁶. O livro descreve vividamente as prisões e torturas infligidas aos presos e relata com extraordinário realismo a maneira como são tratados os reféns e o horror da vida nos campos de concentração. O *Gazeta – PI* descreve um capítulo do livro que detalha os abusos cometidos contra mulheres polonesas e as prisões em massa de raparigas e mulheres para serem violadas pelos alemães. Este capítulo revela que a ciência alemã e as habilidades médicas cooperaram na monstruosa realização dessa escravidão. Ao princípio, apenas se recebeu informação de uma maneira geral sobre a violação de raparigas polonesas enviadas para os bordos para serem abusadas pelos soldados alemães (“Fatos de que não há lembrança na História da Humanidade: O “Livro Negro Polonês” é o maior requisição contra a selvageria alemã”, 5 de dezembro de 1942, p. 2).

Por fim, é nítida a relevância dos Jornais *Gazeta do Piauí* para pesquisas sobre a participação das mulheres na segunda guerra mundial, suas atuações no seio social e no front de batalha, propondo uma discussão historiografia, que por muito tempo deixou a margem o feminino como protagonista no campo da história militar.

⁶ A Fúria alemã afetou as mulheres polacas de inúmeras maneiras, em muitos casos, as mulheres foram forçadas, sob a ponta de um revólver, a escrever aos seus maridos no estrangeiro, pedindo-lhes que regressassem imediatamente à Polónia e, ao cumprirem os desejos expressos pelas suas esposas, os homens encontraram-se em mãos alemãs. As famílias eram frequentemente separadas, as mães eram enviadas para trabalhos forçados na Alemanha, as crianças deixadas à própria sorte ou, pior ainda, elas também eram por vezes enviadas para destinos desconhecidos na Alemanha. Esta nova forma de escravatura, que resultou na colocação de quase um milhão de homens e mulheres polacos à disposição do Reich, será tratada em detalhe neste capítulo. Só de judia, 1800 mulheres. As mulheres foram obrigadas a trabalhar em condições humilhantes, repetidas vezes várias delas foram apreendidas em restaurantes, cafés e especialmente fora das lojas onde esperavam na fila para comprar comida, ou nas ruas e nos seus próprios apartamentos e enviados para limpar quarteis, esfregar o chão e limpar casas de banho. No entanto, o crime monstruoso cometido pelos alemães contra as mulheres polacas é a prisão em massa de jovens raparigas e mulheres polacas para serem violadas pelos alemães. Durante as operações de guerra e nos primeiros meses da ocupação, registrara-se numerosos casos de mulheres violadas por soldados alemães- casos que permanecerão para sempre impunes. Os próprios soldados alemães contaram que as mulheres foram presas, violadas e finalmente assassinadas com um sadismo que horrorizou até mesmo aqueles que relataram estes crimes.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das representações femininas presentes no Jornal *Gazeta do Piauí* permitiu reconstruir fragmentos essenciais da participação das mulheres na Segunda Guerra Mundial, revelando dimensões frequentemente negligenciadas pela historiografia tradicional. O conflito, como demonstrado ao longo do estudo, não apenas colocou mulheres em posições de protagonismo no trabalho fabril, nos serviços de saúde, na aviação e até na resistência armada, como também as transformou em alvos de extrema violência nos territórios ocupados. Entretanto, por muito tempo, essas experiências permaneceram à margem do que se convencionou chamar de história militar, marcada, como lembra Perrot (2005), por um discurso centrado no masculino e sustentado pela invisibilização de práticas e vivências femininas.

O *Gazeta do Piauí* emerge, nesse contexto, como uma fonte primária de grande relevância social e historiográfica. Ao registrar, interpretar e difundir notícias sobre a atuação das mulheres no cenário bélico, o periódico desempenhou papel fundamental na construção de um imaginário coletivo capaz de reconhecer a presença feminina como parte constitutiva da guerra. Em suas páginas, o leitor encontrava não apenas relatos de batalhas, mas também o cotidiano das operárias, o esforço das enfermeiras da FEB, o risco assumido pelas aviadoras norte-americanas, a resistência das mulheres nos ghettos e a brutalidade dos regimes totalitários.

Esses registros, ainda que atravessados por valores, moralidades e percepções próprias da época, constituem testemunhos que resistem ao esquecimento e dialogam com a noção de memória coletiva formulada por Halbwachs (2006). O jornal funciona como espaço onde a memória se sedimenta: ao selecionar, destacar e repetir determinadas narrativas, ele contribui para moldar as formas pelas quais a sociedade brasileira interpretou a participação feminina na guerra. Assim, sua importância ultrapassa o âmbito informacional e alcança o campo da construção simbólica, uma esfera em que se disputam significados e se configuram identidades sociais.

Do ponto de vista historiográfico, os resultados desta pesquisa reforçam a necessidade de ampliar os limites do que se entende por história militar. Como destacou Keegan (1995), esse campo sempre foi narrado sob uma ótica masculina, restringindo-se às estratégias, às batalhas e às lideranças masculinas. Contudo, a documentação analisada evidencia que a guerra

também é feita de gestos cotidianos, de trabalho, de cuidado, de resistência emocional e física, dimensões frequentemente desempenhadas por mulheres, mas sistematicamente invisibilizadas. Assim, incorporar suas experiências não se trata apenas de preencher lacunas, mas de reconfigurar o próprio entendimento do que constitui o fazer histórico em contextos de guerra.

O jornal *Gazeta do Piauí* contribui significativamente para essa reconfiguração ao oferecer um repertório amplo e diversificado de representações femininas. Seu papel social é incontornável: ao trazer à luz trajetórias femininas que poderiam ter sido engolidas pela voragem do esquecimento, o jornal atua como um agente de preservação da memória e como meio de afirmação de que as mulheres foram, sim, protagonistas, e não espectadoras, do conflito. Suas narrativas ampliam a compreensão do feminino na guerra, mostrando que a atuação das mulheres não se limitou a tarefas auxiliares, mas atravessou todos os campos possíveis da experiência humana em tempos de destruição e transformação.

Portanto, as considerações finais deste estudo reforçam a relevância da imprensa regional como documentação histórica e evidenciam o papel central do *Gazeta do Piauí* na formação de uma consciência social acerca da participação feminina na Segunda Guerra Mundial. Ao reconhecer o jornal como instrumento de memória e de denúncia, compreende-se que ele contribuiu para perturbar a ordem historiográfica que, por muito tempo, relegou o feminino à condição de marginalidade. Assim, este artigo sustenta que não há mais espaço para uma narrativa da guerra que exclua as mulheres, porque não existe, e jamais existiu, nenhum campo da história militar em que o feminino não estivesse presente.

4. REFERÊNCIAS

Fontes bibliográficas

- Aleksiévitch, S. (2016). *A Guerra Não Tem Rosto de Mulher*. Companhia das Letras.
- Bloch, M. (2001). *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Editora Zahar.
- Burke, P. (2011). *A escrita da história: novas perspectivas*. Editora Unesp.
- Bernardes, M. (2003). *O Grupamento Feminino de Enfermagem do Exército na Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial* [Tesis de Mestrado]. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

- Delgado, L. (2006). *História Oral: memória, tempo, identidades*. Editora Autêntica.
- Fiell, C, e Dirix, E. (2014). *A Moda da década 1940. Um panorama completo e ilustrado da indumentária e da beleza sob o impacto da Segunda Guerra Mundial*. Publifolha.
- Halbwachs, M. (2006). *Memória coletiva*. Centauro.
- Keegan, J. (1995). *Uma história da guerra*. CIA das Letras.
- Perrot, M. (2005). *As mulheres ou os silêncios da história*. EDUSC.
- Perrot, M. (2017). *Os excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros*. Paz e Terra.
- Poland. Ministerstwo Informacji (1942). *The black book of Poland*. G. P. Putnam's sons.
- Rouso, H. (2006). A memória não é mais o que era. Em M. Ferreira e J. Amado (org.), *Usos e Abusos da História Oral* (pp. 93-101). Editora FGV.
- Roque, D. e Bernardes, M. (2022) Mulheres enfermeiras na Segunda Guerra Mundial: protagonistas de seu destino. *Revista do Exército Brasileiro*, 158(3), 37-48.
- Soihet, R., Soares, R., e Gomes Costa, S. (2000). *A História das mulheres. Cultura e poder das mulheres: Ensaio de Historiografia*. Gênero, 2(1), 7-30.
- Thompson, A. (1997). Reconpondo a Memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. *Revista Projeto História*, 15, 51-84.

Fontes documentais

- A guerra em todas as frentes. (25 de dezembro de 1942). *Gazeta*
- A melhor organização hospitalar do mundo. (3 de dezembro de 1943). *Gazeta*
- As mulheres na aviação norte-americana (11 de abril de 1943). *Gazeta*.
- British News Service (8 de janeiro de 1943). *Uma guerrilheira soviética obtem a "Ordem da estrela Vermelha" por sua ação exemplar na guerra contra os nazistas*. *Gazeta*.
- British News Service (9 de fevereiro de 1943). *A Grã- Britânia já está pondo em prática, em pequena escala. Alguns dos seus planos para a reconstrução dos países escravizados pela Alemanha*. *Gazeta*.
- Castelo Branco, F. (19 de fevereiro de 1943). *Cartas de Recife*. *Gazeta*.
- De Sandoval, M. (24 de novembro de 1942). *A Situação Interna da Alemanha*. *Gazeta*.
- Dois ghettos de judeus em uma cidade. (30 de outubro de 1942). *Gazeta*.

Fatos de que não há lembrança na História da Humanidade: O “Livro Negro Polonês” é o maior requisito contra a selvageria alemã (5 de dezembro de 1942). *Gazeta*.

Fuzilado o leader da Juventude Polonesa (23 de outubro de 1942). *Gazeta*.

Notícias da Bélgica. (25 de dezembro de 1942). *Gazeta*.

O sacrifício das mulheres polonesas (23 de outubro de 1942). *Gazeta*.

Os crimes nazistas contra os judeus provocam a atenção das Nações Unidas. (19 de dezembro de 1942). *Gazeta*.

Presidio, J. (29 de julho de 1943). *As Mulheres e a Guerra*. *Gazeta*.

Você Sabia? (19 de junho de 1943). *Gazeta*.

Você Sabia? (29 de julho de 1943). *Gazeta*.

Páginas da web

United States Holocaust Memorial Museum. “Guetos”. Enciclopédia do holocausto. <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/ghettos>